

EX-LIBRIS

RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES

Le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

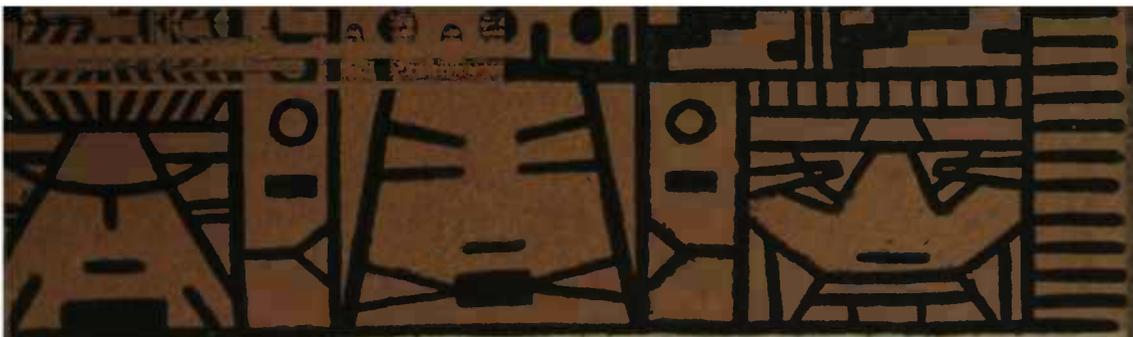
*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin









RONALD DE CARVALHO

TODA  
A  
AMERICA





Ao. querido Rubens de Moraes  
 ao seu penetrante e finíssimo espírito  
 affectuosamente

Ronald de Carvalho

Rio Jan 926

# Obras de Ronald de Carvalho

---

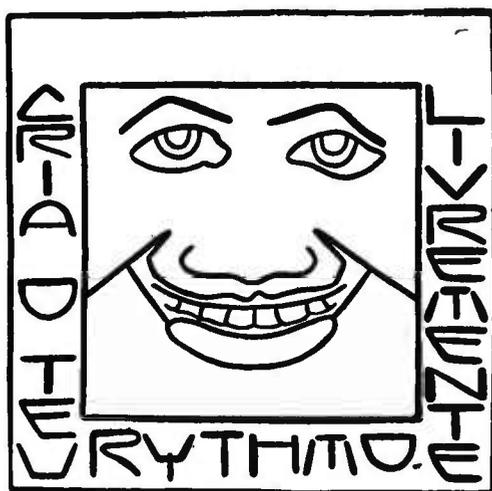
---

- LUZ GLORIOSA. (Poemas) 1913. esg.  
POEMAS E SONETOS. 1ª edição. 1919.  
PEQUENA HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA. 1ª ed. 1919.  
EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES. 1ª ed. 1922.  
POEMAS E SONETOS, 2ª ed. 1922.  
PEQUENA HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA. 2ª ed. 1922.  
O ESPELHO DE ARIEL (Ensaio) 1923.  
ESTUDOS BRASILEIROS. (1ª Série) 1924.  
EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES. 2ª ed. 1925.  
TODA A AMERICA (Poemas) 1925.  
PEQUENA HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA. 3ª ed. 1925.

## **A aparecer**

- ESTUDOS BRASILEIROS. (2ª Série).  
JOGOS PUERIS.  
GRAVURAS DO MEXICO.  
O CLARO RISO DOS MODERNOS.  
ESTHETICA.

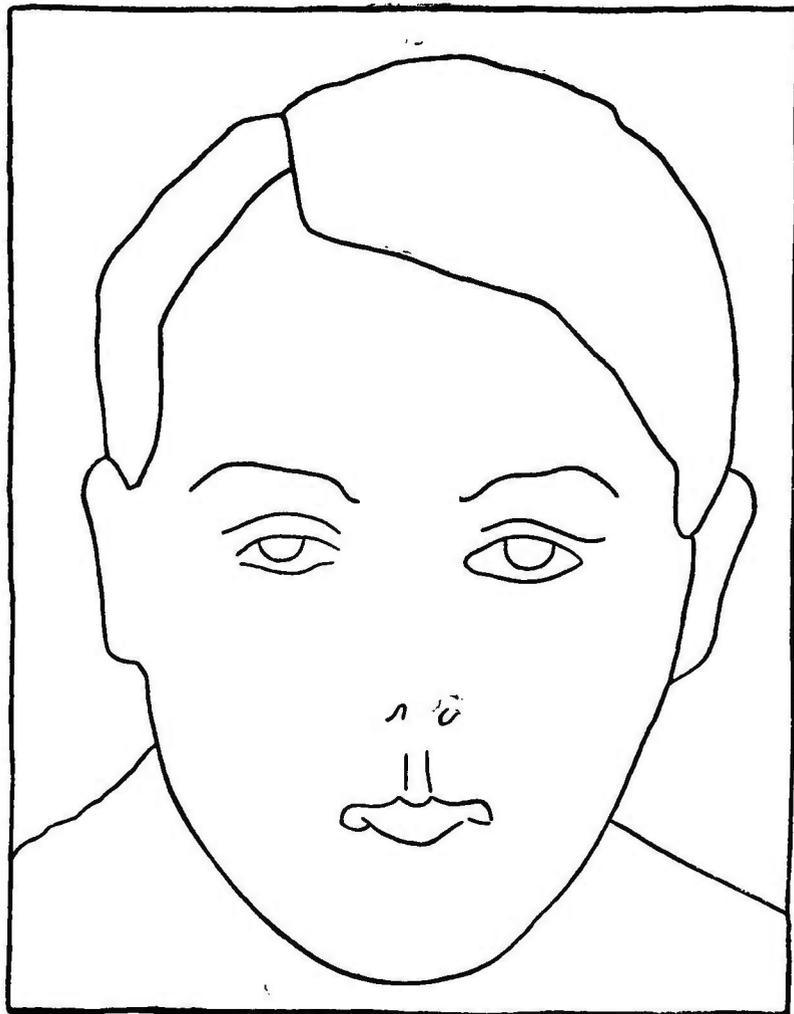
RONALD DE CARVALHO  
TODA A AMERICA



PIMENTA DE MELLO E CIA  
RIO DE JANEIRO  
1986



RONALD DE CARVALHO



POR

NICOLA DE GARO

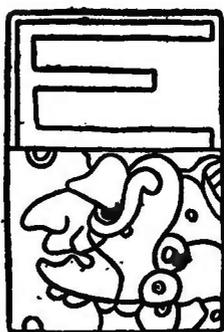


TODA A AMERICA



ADVERTENCIA





EUROPEU!

Nos tabuleiros de xadrez da  
tua aldeia,

na tua casa de madeira,

pequenina, coberta de hera,

na tua casa de pinhões e beirões, vigiada

por filas de cercas paralelas, com

trepadeiras molles balançando e

florindo;

na tua sala de jantar, junto do fogão de  
azulejos, cheirando a resina de pinheiro  
e faia,

na tua sala de jantar, em que os teus avós  
leram a Biblia e discutiram casamentos,  
colheitas e enterros,

entre as tuas arcaas bojudas e pretas, com  
lãs felpudas e linhos encardidos, colla-  
res, gravuras, papeis graves e moedas  
roubadas ao inutil maravilhoso;

deante do teu riacho, mais antigo que as  
Cruzadas, desse teu riacho serviçal, que  
engorda trutas e carpas;

Europeu!

Em frente da tua paisagem, dessa tua paisagem com estradas, quintalejos, campanários e burgos, que cabe toda na bola de vidro do teu jardim;

deante dessas tuas arvores que conheces pelo nome — o carvalho do açude, o choupo do ferreiro, a tiña da ponte — que conheces pelo nome como os teus cães, os teus jumentos e as tuas vacas;

Europeu! filho da obediencia, da economia e do bom-senso,

tu não sabes o que é ser Americano!

Ah! os tumultos do nosso sangue temperado  
em saltos e disparadas sobre pampas,  
savanas, planaltos, caatingas onde es-  
touram boiadas tontas, onde estouram  
batuques de cascos, tropel de patas, tor-  
velinho de chifres!

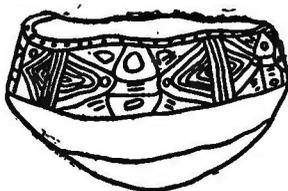
Alegria virgem das voltas que o laço dá na  
coxilha verde,  
alegria virgem de rios-mares, enxurradas,  
planicies cósmicas, picos e grimpas,  
terras livres, ares livres, florestas sem  
lei!

Alegria de inventar, de descobrir, de  
correr!

Alegria de criar o caminho com a planta  
do pé!

Europeu!

Nessa maré de massas informes, onde as  
raças e as linguas se dissolvem,  
o nosso espirito áspero e ingenuo fluctua  
sobre as cousas,  
sobre todas as cousas divinamente rudes,  
onde boia a luz selvagem do dia ame-  
ricano!

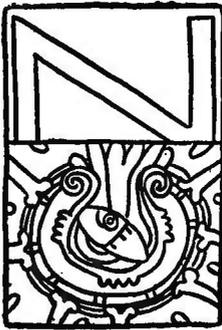
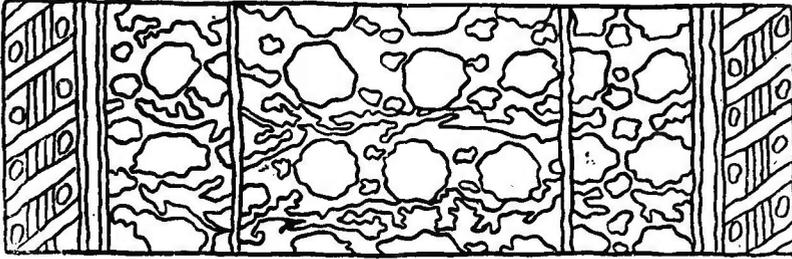




# BRASIL

a Fernando Haroldo





ESTA hora de sol puro

palmas paradas

pedras pollidas

claridades

faiscas

scintillações

Eu ouço o canto enorme do Brasil!

Eu ouço o tropel dos cavallos de Iguassú

correndo na ponta das rochas nuas,  
empinando-se no ar molhado, batendo  
com as patas de agua na manhã de  
bolhas e pingos verdes;

Eu ouço a tua grave melodia, a tua barbara  
e grave melodia, Amazonas, a melodia  
da tua onda lenta de oleo espesso, que se  
avoluma e se avoluma, lambe o barro  
das barrancas, morde raizes, puxa ilhas  
e empurra o oceano molle como um tou-  
ro picado de farpas, varas, galhos e  
folhagens;

Eu ouço a terra que estala no ventre quente

do nordeste, a terra que ferve na planta  
do pé de bronze do cangaceiro, a terra  
que se esborôa e rola em surdas bolas  
pelas estradas de Joazeiro, e quebra-se  
em crostas seccas, esturricadas no Crato  
chato;

Eu ouço o chiar das caatingas — trilos, pios,  
pipios, trinos, assobios, zumbidos, bicos  
que picam, bordões que resôam retesos,  
tympanos que vibram limpidos, papos  
que estufam, asas que zinem zinem  
rezinem, cris-cris, cicios, scismas, scismas  
longas, langues — caatingas debaixo do  
céu!

Eu ouço os arroios que riem, pulando na  
garupa dos dourados gulosos, mexendo  
com os bagres no limo das luras e das  
locas;

Eu ouço as moendas espremendo cannas, o  
glu-glu do mel escorrendo nas tachas, o  
tinir das tigelinhas nas seringueiras;

e machados que disparam caminhos,

e serras que toram troncos,

e matilhas de “Corta-Vento”, “Rompe-

Ferro” “Faiscas” e “Tubarões” acuando

sussuaranas e maçarocas,

e mangues borbulhando na luz,

e caitetés tatalando as queixadas para os  
jacarés que dormem no tejuco morno dos  
igapós.

Eu ouço todo o Brasil cantando, zumbindo,  
gritando, vociferando!

Rêdes que se balançam,  
sereias que apitam,  
usinas que rangem, martelam, arfam,  
estridulam, ululam e roncam,  
tubos que explodem,  
guindastes que giram,  
rodas que batem,  
trilhos que trepidam,

rumor de coxilhas e planaltos, campainhas,  
relinchos, aboiados e mugidos,  
repiques de sinos, estouros de foguetes,  
Ouro-Preto, Bahia, Congonhas, Sabará,  
vaías de Bolsas empinando numeros como  
papagaios,  
tumulto de ruas que saracoteiam sob  
arranhacéus,  
vozes de todas as raças que a maresia dos  
portos joga no sertão!

Nesta hora de sol puro eu ouço o Brasil.

Todas as tuas conversas, patria morena,  
correm pelo ar

a conversa dos fazendeiros nos cafezacs,  
a conversa dos mineiros nas galerias de ouro,  
a conversa dos operarios nos fornos de aço,  
a conversa dos garimpeiros, peneirando as  
bateas,  
a conversa dos coroneis nas varandas das  
roças.

Mas o que eu ouço, antes de tudo, nesta hora  
de sol puro  
palmas paradas  
pedras polidas  
claridades  
brilhos

faiscas

scintillações

é o canto dos teus berços, Brasil, de todos  
esses teus berços, onde dorme, com a  
boca escorrendo leite, moreno, confiante,  
o homem de amanhã!



# CARTAS

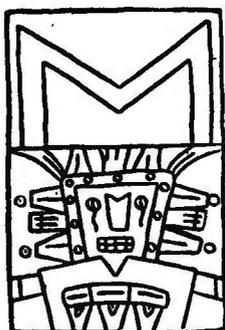
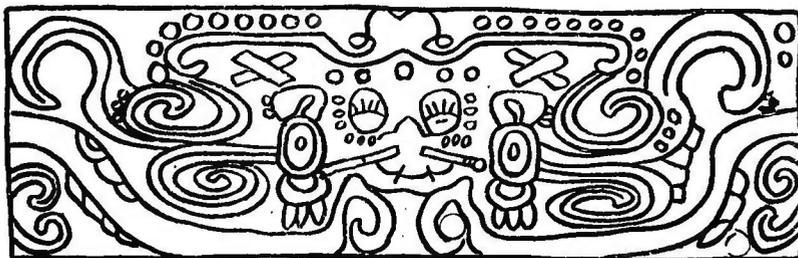
a Guilherme de Almeida



# MERCADO DE TRINIDAD

a Felipe D'Oliveira





ERCADO de Trinidad

na tepidez molhada da manhã!

Doirados tropicaes de asas e

frutas,

verdes maritimos franjados de alcatrazes,

mar de coraes, fogos de madreperolas ao sol.

Das cestas de vime rolam ananazes de

escamas oxydadas,

o amarelo e o vermelho dos papagaios  
riscam o ar,  
as mangas queimam penumbras de folhas  
murchas,  
a terra é uma vibração de coloridos.

Sobe das falúas o aroma grosso do breu e  
do alcatrão,  
e ha deuses de bronze no azul da vaga,  
no azul da vaga tremula e faiscante.

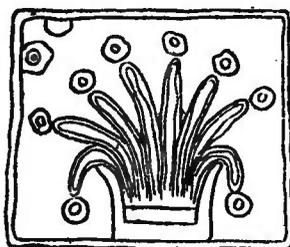
Mercado de Trinidad

na tepidez molhada da manhã!

Por trás dos mastros e cordames pardos,

na cinta elastica das bananeiras e dos  
limoeiros,  
espiam cottages e bungalows.  
É, sobre as livres solidões selvagens,  
entre araras, tucanos, goiabeiras e coqueiraes,  
passeia gravemente, de capacete branco,  
a ruiva sentinela do Forte colonial

Ilha de Trinidad. 1923

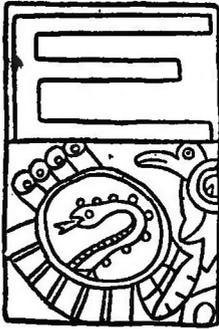
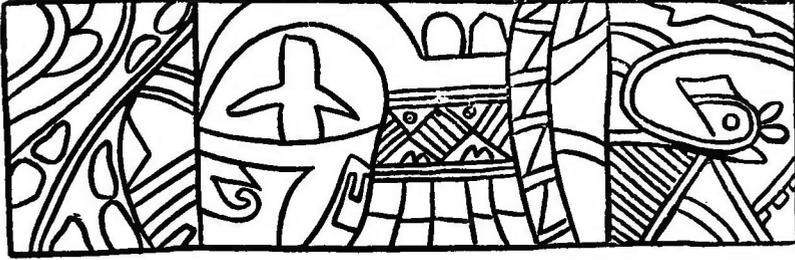




# NOCTURNO DAS ANTILHAS

a Ribeiro Couto





ESTE nocturno das Antilhas  
quieto, morno,  
feito de folhagens e aguas  
marinhas,

este nocturno ingenuo do mar dos Caraibas,  
feito de coraes e sargaços,  
enche-me todo de melodias navaes.

Eu vivo aqui, nesta hora, a tranquilidade de

todas essas ervas atlânticas.

E esse vento silvestre que passa pelos meus

cabellos,

e esse gorgolejo de onda que se parte nos

meus ouvidos,

e essa humidade salina do deck vazio,

tudo isso é primitivo como um descobri-

mento.

A terra próxima.

Olor de mata.

Silêncio.

Luzes dos entrepostos,

luzes balouçantes de mastros,

farolins,

luzes penduradas no ar

Os coloniaes leem as aventuras de Roberto-

Luis Stevenson.

Aroma de chá,

fumo da Virginia,

cakes,

sweet-home.

Os nativos leem o céu cheio de manitús:

rêdes

missangas,

plumas,

ambar,

fermentos acidos,  
volupia,  
curvas lascivas da imaginação.

Mar das Antilhas!

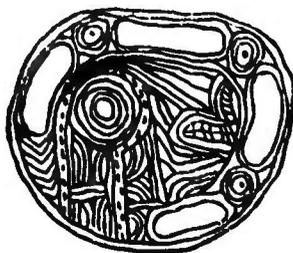
A terra diminue.

O ultimo farolim.

Silencio.

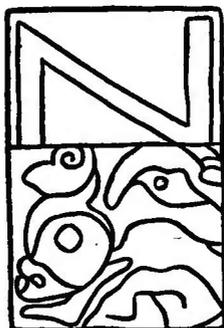
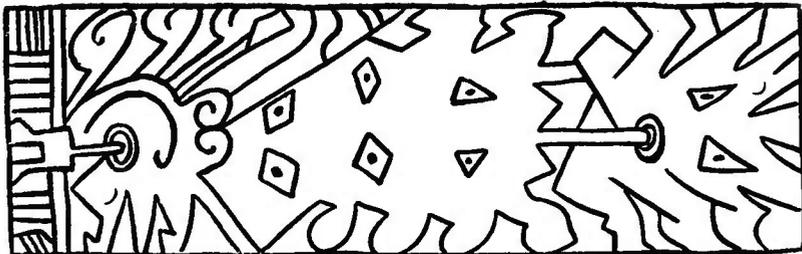
Olor mollinhoso de maresia.

Bordo do "Vandyck" 1923.



BARBADOS



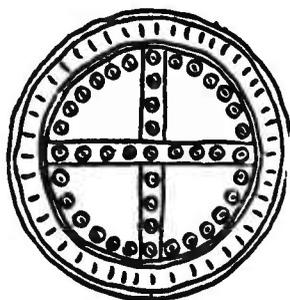


A ilha toda clara,  
lavada pelas aguas,  
ha prégões de missangas e  
quinquilharias.

As casas de madeira têm varandas  
preguiçosas,  
varandas humidas, de tectos baixos, que  
deitam sombras voluptuosas.

O sol brinca nas ruas,  
por onde rolam os grandes ventos da maresia!  
  
Subito,  
num escorrer de linhas oleosas,  
balançando os quadris, uma *miss* de ébano,  
sorve a luz que lhe lateja nos seios tremulos'  
e lhe penetra o ventre, longa e profun-  
damente.

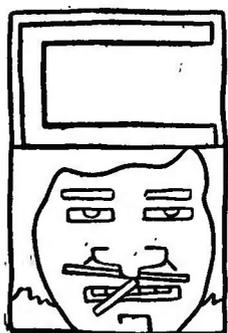
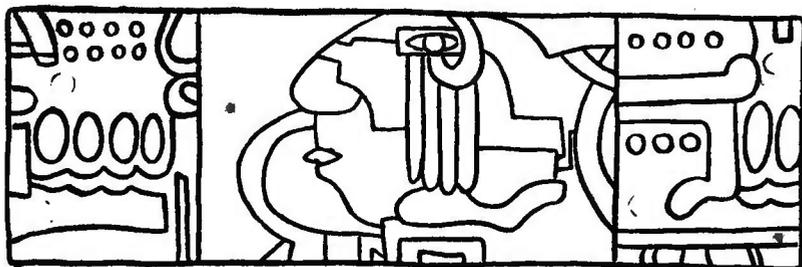
Ilha de Barbados. 1923.



# BROADWAY

a Mario de Andrade





HATO, pardo-cinzento, o chão

fluctua lento, molle,

o chão escorre vagaroso,

contráe-se em blócos subitos,

estica-se em flechas longas, trepidantes,

dispara, de repente, em riscos elasticos,

gira,

rodopia,

turbilhona e ferve num vapor subtil de linhas  
e movimentos.

Aquelle chão carrega todas as imaginações.  
do mundo!

Aquelle chão carrega  
isbas da Ukrania,  
vinhas de Bordeus,  
parques do Tamisa,  
saveiros do Volga,  
ambar, coraes, madréporas das Antilhas,  
guano de Mollendo,  
cannaviaes de Cuba,  
juncos de Shangai,

cafezaes de Ribeirão Preto,  
chifres do Pampa,  
fornos de Essen, fornos de Newcastle,  
oleos de Tampico,  
salitres de Iquique,  
barbatanas da Terra-Nova,  
mares coalhados de ferros e madeiras,  
terras gordas,  
ilhas com batuques, tan-tans e rêdes molli-  
nhosas,  
montanhas verdes, montanhas de oxydos e  
cristaes,  
rios onde boiam troncos, plantas, cobras e  
tartarugas,

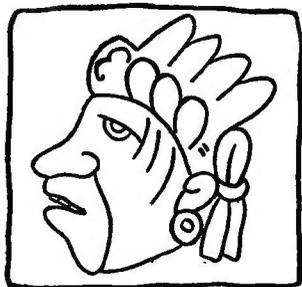
florestas de plumas, pennas e folhagens,  
praias, canaes, mangues,  
luzes do tropico, luzes do polo,  
desertos,  
civilizações.

Aquelle chão é uma paisagem em marcha.  
Chão que mistura as poeiras do Universo e  
onde se confundem todos os rythmos do  
passo humano!

Chão epico, chão lirico, chão idealista,  
chão indifferente de Broadway,  
largo, chato, pratico e simples como este

roof liso, suspenso no ar, este roof, onde  
um saxofone derrama um morno torpor  
de senzala debaixo do sol.

New-York. 1923.

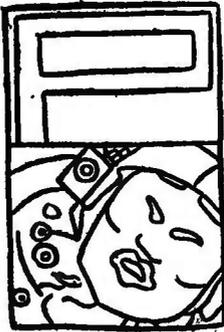
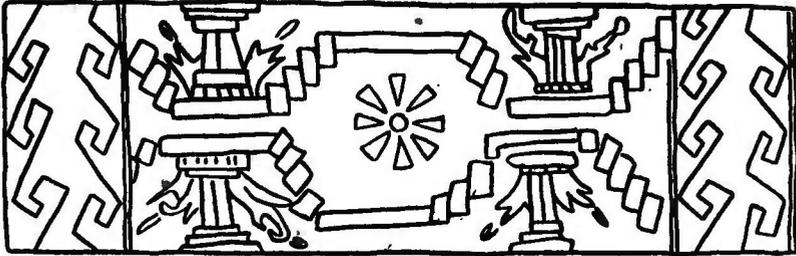




# TONALÁ

a Carlos Obregon Santacilia





INTADA por um alfarero,  
debaixo dos cardos massiços,  
Tonalá é uma china poblana,  
agachada na terra,

vestida de barro cinzento, de chita e missanga,  
fazendo tibores e pratos de argila.

Nossa Senhora de Guadalupe ri em todos os  
nichos,

com grandes olhos de vidro e bochechas  
rosadas,  
para as indiazinhas que mordem•tamales  
e para os gorriones que brincam de esconder  
com o sol nas hortas verdes.

Em cada pateo a louça crua estala na luz,  
na luz de Jalisco intrigante, plebéa,  
que salta nas sombras  
pula nos muros  
molha-se nos charcos  
e cáe das arvores  
como as tunas maduras,  
e baila no chão  
rola

ciranda

repiquetea

como a sandalia de verniz de um jarabe

pachola,

e fica assustando o ar

como o lenço vermelho de uma novilhada

brava!

Sobre a porta das casas de adobe,

vestida de china poblana,

Nossa Senhora de Guadalupe ri em todos os

nichos,

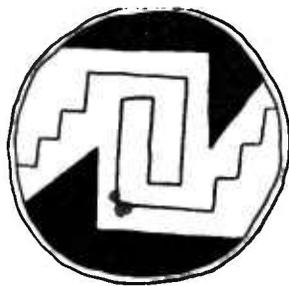
com os olhos de vidro bem abertos e as

bochechas bem rosadas,

ri para o dia tranquilo,

para as estradas que mergulham no silencio  
morno,  
para os cães que resomnam com o focinho  
entre as patas,  
ri para o céu azul e brunido,  
azul e brunido como os olhos de vidro de  
Nossa Senhora de Guadalupe!

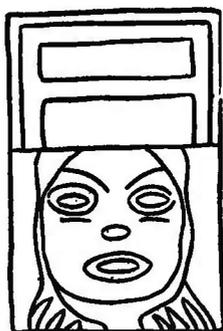
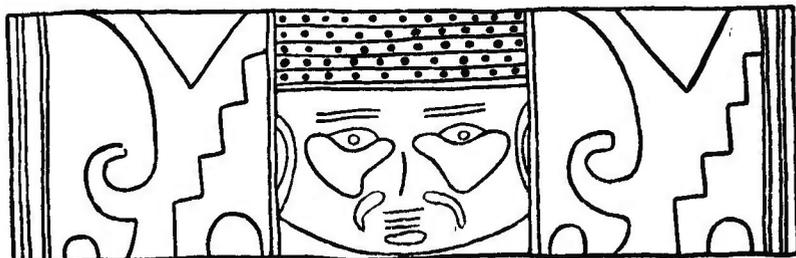
Tonalá. 1923.



# PUENTE DEL INCA

a Rodrigo Mello Franco de Andrade





QUI nestes grandes silencios  
das cordilheiras é que eu te  
sinto, America!

Aqui está a tua virgindade

cheia de promessas excitantes,

aqui, onde o immigrante passa de olhos

innocentes,

onde o homem do Baltico e o homem do

Adriatico,

o homem do Reno e o homem do  
Guadalquivir

não sabem as sementes que devem semear.

As planícies e as bahias, as florestas e os  
valles chatos

não vivem o tropel dessas aspirações,  
dessas limpidas aspirações do ar livre e da  
luz virgem.

Aqui ha a infinita melancolia de uma auro-  
ra que vai romper,  
de uma aurora que não vae romper para  
nós.

Oh! America, o teu dia será primitivo,

e será fresco e ingenuo, e fluctuará sobre as  
aguas

como aquelle outro dia que o espirito ephemero entenebreceu.

O teu dia será como um grito que ainda  
boca nem uma gritou,

e terá o rythmo de uma rajada de vento  
marinho sobre as vagas,

o rythmo de todas as tuas arvores juntas  
resoando,

o rythmo de todas as tuas pedras, de todos  
os teus rios, de todos os teus animaes  
atropelando-se!

Como um cavallo selvagem o meu sangue  
pula e te adivinha, America!

Que cidade immensa nascerá de todos esses  
milhões de mãos que se agitam em ti?

Das mãos que perseguem a onça, a raposa,  
o bufalo e a baleia;

das que laçam o touro no pampa e na  
coxilha,

das que flecham o tapir e a sucurí,

das que varam saltos e corredeiras,

das que seccam mangues e igapós,

das que misturam os oceanos,

das que levantam as vigas para os sessenta  
andares,

das que mergulham nos poços de petróleo,  
das que enchem e esvaziam os porões dos  
transatlânticos,  
das que amassam a argila de Tonalá e  
Tlaquepaque,  
das que matam para as terríveis obedi-  
ências,  
das que planejam, das que constroem, das  
que destroem.

Que cidade imensa nascerá de todos esses  
milhões de mãos que se agitam em ti?  
Aqui nestas solidões brutas é que eu te  
sinto, América!

Aqui está a tua virgindade,

a tua virgindade que não podemos fe-  
cundar!

Ah! como será bella a dança do homem  
livre, que ainda esperas,  
a dança do homem livre sobre o teu ventre  
violado.

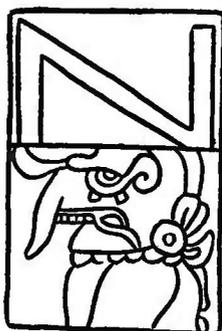
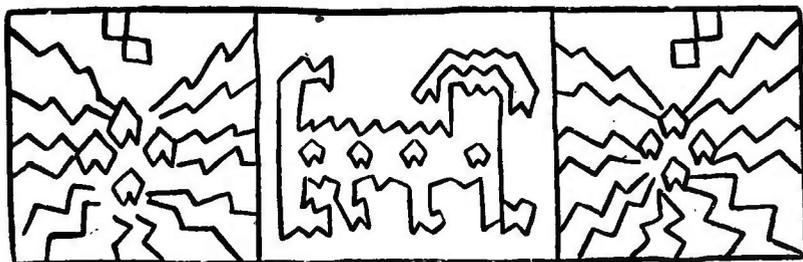
Puente del Inca. 1924.



UMA NOITE EM  
LOS ANDES

a Paulo Silveira





AQUELLA noite de Los  
Andes eu amei como  
nunca o Brasil.

De repente,

um cheiro de bogary, um cheiro de varanda  
carioca balançou no ar

Vinha não sei de onde o murmúrio de um  
corrego tranquilo,

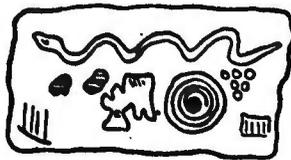
escorregando como um lagarto pela terra  
molhada.

A sombra vertia uma frescura de folhas  
humidas.

Um vagalume grosso correu no mato.  
Queimou-se no sereno.

Eu fiquei olhando uma porção de cousas  
doces, maternas.

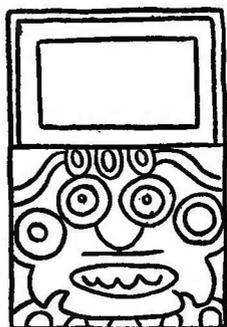
Eu fiquei olhando, longo tempo, no céu da  
noite chilena, as quatro estrelas de um  
cruzeiro pendurado fóra do logar



# CRISTAL MARINHO

a Navarro da Costa





S navios, de onde escorrem  
grossas correntes, estão pa-  
rados no golfo.

Mastros de vergas altas,

fios de luz no sol,

prôas de curvas baixas, pastas de sombra

n'agua.

Toda a frescura do romance naval,

galeras,

brigues,

bergantins,

barcaças

e chatas largas embebidas no oleo do mar

Um vôo de gaivotas imita a ressaca de  
espumas amargas.

Picada do reflexo das vidraças,

no seu dique de pedras que morrem,

Antofagasta é um jogo de polyedros,

fantasista, pequenina, vaidosa,

como aquella praçazinha de Los Andes

com o seu coreto pintado de azul e ver-  
melho,

os seus carabineiros pintados de verde,  
as suas niñas, que passeiam de mãos dadas,  
e dizem gravemente Buenas Noches  
para os pololos de chapéos de feltro novo.

Na minha vigia redonda, de cinta metálica,  
a paisagem tem ondulações de aquario.

A minha vigia redonda de transatlântico  
olha orgulhosamente os veleiros, que des-  
carregam barras de ferro,  
e os pontões fluctuantes do cáes.

Nas praias de seixos rolados correm  
creanças,

e o ar do crepusculo, aromado de sal,  
mistura os meninos louros do Chile  
aos caboclinhos musculosos da Bolivia.

Serenidade que absorve tudo!

Como as plantas, o heroismo do homem:  
aqui tem frouxas raizes.

Arica,

Tacna,

Maipo,

hervas rasteiras de nomes,  
inscrições a espera da onda .

Aqui o heroismo é da terra,

da terra bruta, que se argamassa em blocos  
ingremes e inuteis,  
da terra que regeita o homem,  
que envenena o mineiro com os vapores do  
salitre  
e oxyda a carne com os gazes do cobre.

Mas ha nessa virgem solidão uma pertur-  
badora poesia geometrica,  
pyramides,  
cones,  
cubos,  
cylindros,  
espheras,

poesia do numero claro,  
poesia dos planos e dos volumes, que vence  
a melancolia,  
e funde a realidade na alegria da intelli-  
gencia .

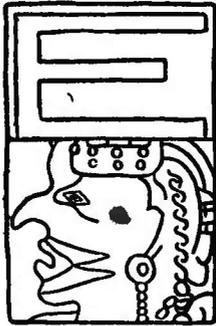
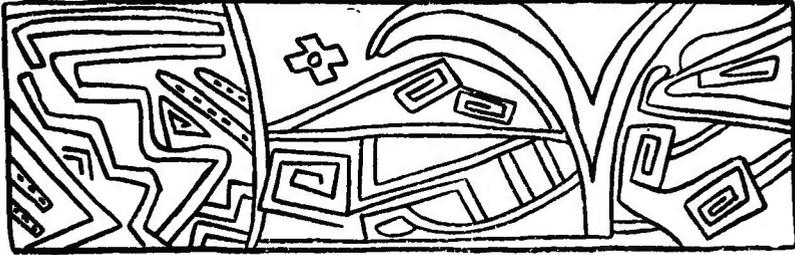
Antofagasta. 1924.



ENTRE BUENOS-AIRES  
E MENDOZA

a Agrippino Grieco





U vi o pampa!

O pampa claro de aços e  
metaes,  
luzindo todo

nos raios limpos dos arados,  
nas rodas lentas dos tractores,  
nos trilhos brunidos, que disparam, rectos,  
debaixo do céu!

Eu vi a manhã do pampa,

com filas negras de caminhões rolando  
pelos trigaes,  
num alegre rumor de klaxons, relinchos,  
mugidos, apitos, assobios e ladridos;

Eu vi a luz da aurora, pulando agil na  
cobertura de zinco dos longos frigorifi-  
cos rectangulares,  
escorrendo pelas vigas de ferro dos mata-  
douros lavados pelo orvalho,  
chispando nas claraboias dos armazens de  
xarque;

Eu vi as arvores do pampa, magras e com-  
pridas, jogando, umas para outras, fios  
e fios telegraphicos;

Eu vi as estradas do pampa, cheias de  
automoveis e locomotivas,  
de machinas compressoras,  
tubos, turbinas, chaminés e caldeiras!

Eu vi calabrezes, genovezes, florentinos,  
syracusanos de calças de velludo, 'debu-  
lhando espigas;

Eu vi agronomos experimentando nitratos,  
estancieiros pesados dirigindo Fords,  
barracas de lona abafando vozes de todos  
os dialectos italianos.

Eu não vi nem um payador.

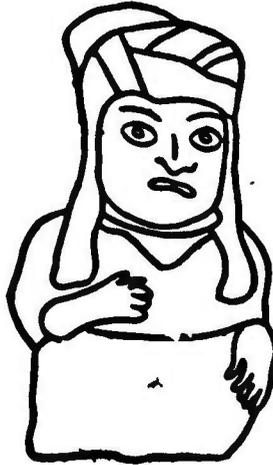
Eu não vi nem um criollo vestido de couro.

Eu não vi a sombra de Facundo, nem o

punhal de Facundo, nem o cavallo de  
Facundo varando os silencios do ar

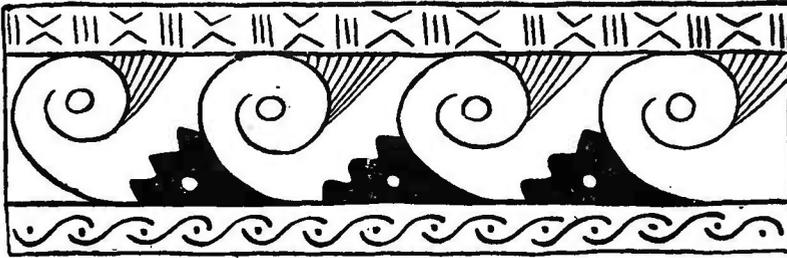
Eu vi o pampa!

O pampa claro de aços e metaes,  
luzindo todo  
nos raios limpos dos arados,  
nas rodas lentas dos tractores,  
nos trilhos brunidos, que disparam, rectos,  
debaixo do céu!

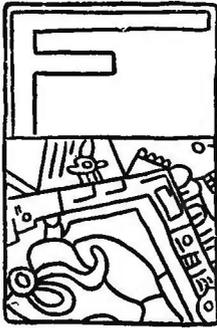








*Fronteira do Rio Grande*



ERVURA de areiaes,

Cardos.

Cardos.

Magueyes.

Pedras que se levantam e rompem o horizonte.

Chão de scintillações.

Silencios vigiados,

homens por trás de todos os silencios...

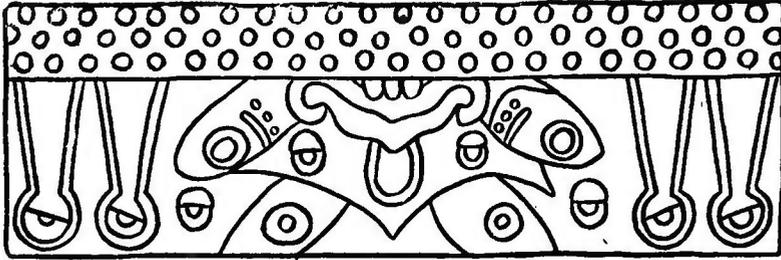
Campainhas de cabras.

Fogo de sarapes.

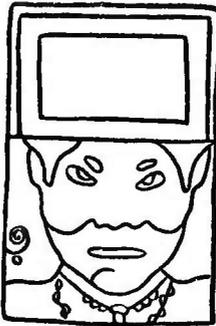
Mexico!

Junho. 1923.





*Xochimilco ou o Epigramma  
da India exilada*

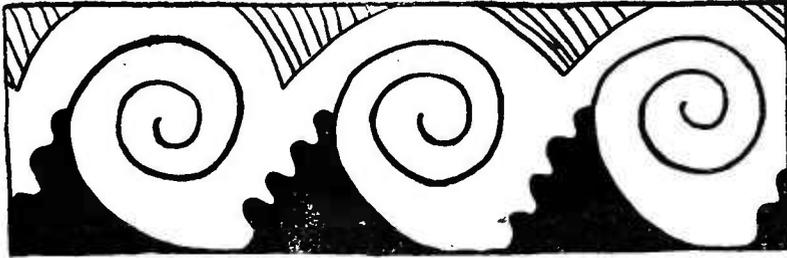


LHEI-ME nas tuas aguas,  
Xochimilco.

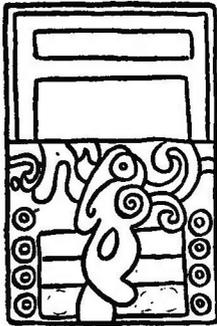
Que aguas poderão agora  
reflectir-me?

Junho. 1923.





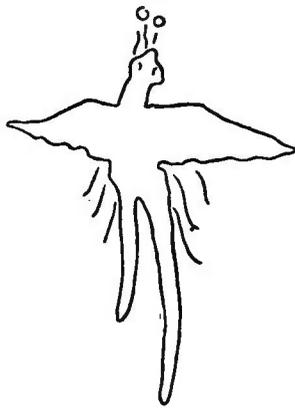
*San Agustin Acólman*

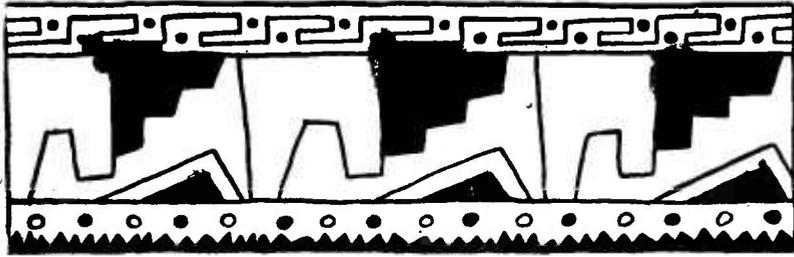


VOZ do sino de San Agus-  
tin  
é dos gorriones ou do  
bronze?

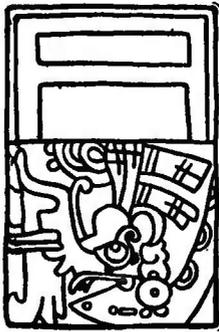
É o passaro ou o metal  
que fala por tua boca,  
sino de San Agustin?

Julho. 1923.





*Cholula*



LTURA que enfuna o ceu.

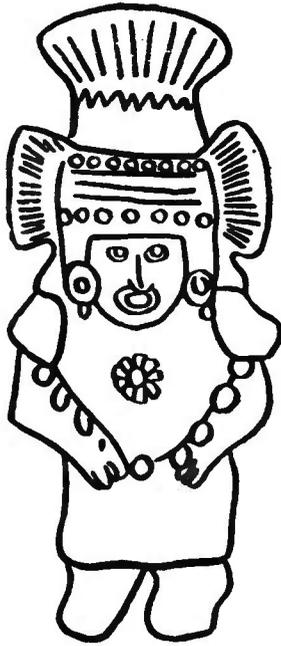
Cholula!

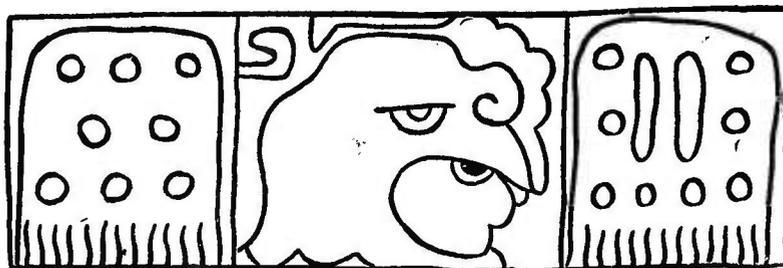
Pyramide verde

sob a esfera azul!

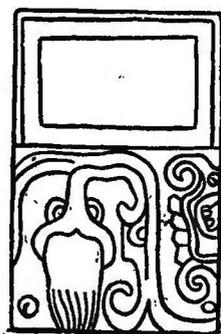
Nesse ar geometrico, exacto, abstracto,  
teu riso, india mexicana,  
tem o sabor das hervas livres do planalto.

Agosto. 1923.





*Puebla de los Angeles*

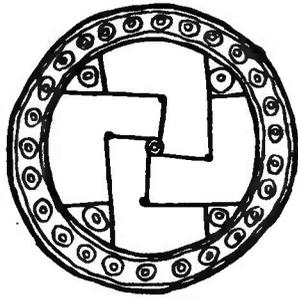


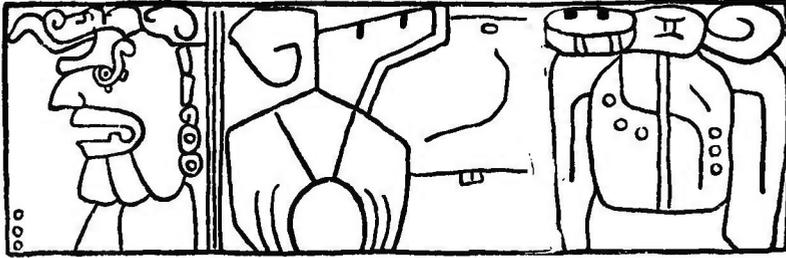
OLEIRO que desenha a  
talavera,  
debaixo das torrés da Ca-  
thedral,

ouvindo os sinos sem ver o ceu,

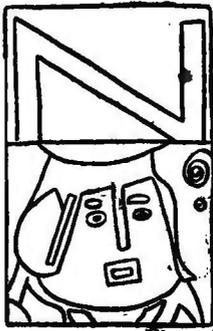
pinta com os olhos ou com os ouvidos?

Julho. 1923.





*Puebla*



OITE sem melancolia,  
noite precisa, onde os con-  
tornos, de tão esguios,  
ondulam. !

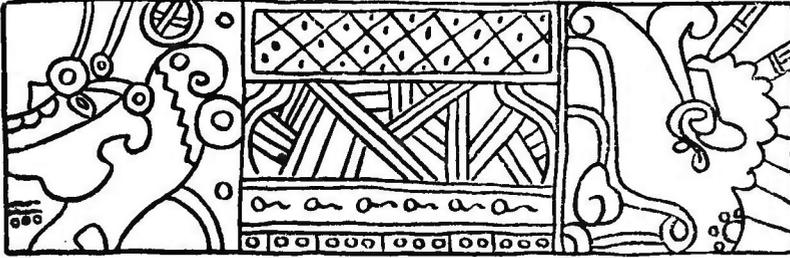
As folhas e as estrelas se adelçam.

Teu perfil primitivo é um passaro que vae  
voar!

A noite é um azulejo de Puebla.

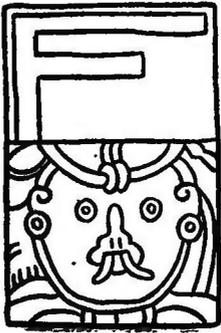
1 de Agosto. 1923.





*Querétaro*

*a Diego Rivera*



ONTES de azulejo debaixo  
do sol,

Balcões de grades coloniaes,

Ruas calçadas para o balan-

ço das cadeirinhas,

onde os Fords pretos pulam de prazer.

Igrejas, capelas, atrios partidos, cathedraes,

Praças com arvores para acompanhar pro-

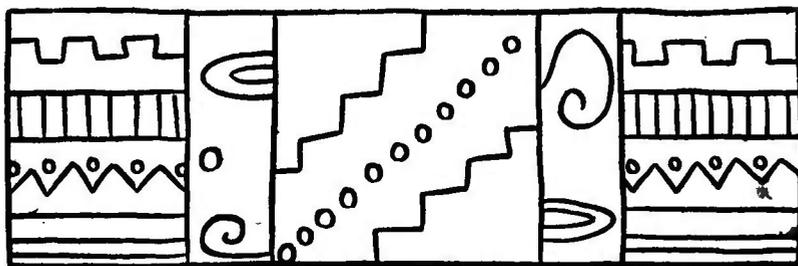
cissões,

Por todas as janelas “Viva Cristo Rey!”  
Casas que se equilibram nas ladeiras pre-  
guiçosas,  
Aleijados que bocejam com as gengivas  
sem dentes,  
Crianças que jogam com gestos gulosos,  
Beatas ferozes,  
Cachorros amáveis.

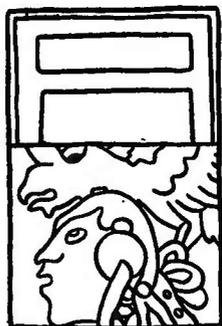
Querétaro! foi o Greco ou Murillo que te  
pendurou no Mexico?

Julho. 1923.





*Mexico (D. F.)*



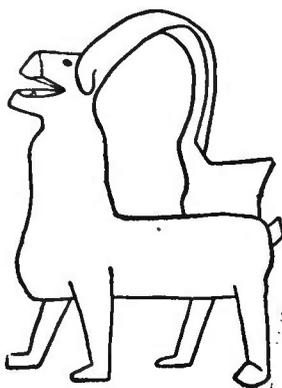
INDIA que passa todas as  
manhãs, sob a minha ja-  
nela,  
a india da Avenida Juarez,  
como é feliz!

Leva nas mãos a brasa dos sarapes,  
na cabeça o rebozo de seda “de una niña  
muy bien”,

nos pés as sandalias de tacões duros, para  
riscar o jarabe,  
e na boca a ultima canção tapatia.

India da Avenida Juarez, toda florida de  
rythmos,  
tu és o Mexico, ou Deus não existe!

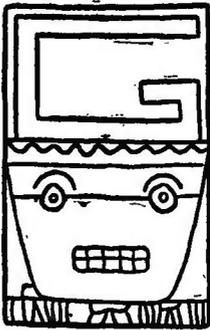
Agosto. 1923.





*Guadalajara*

*a Roberto Montenegro*



UADALAJARA, tu és toda

uma dança!

Dansam as estrelas no teu

lago ingenuo

e a lua cheia dança também pretenciosa e

ôca.

Dansam nas tuas manhãs os eucalyptus.

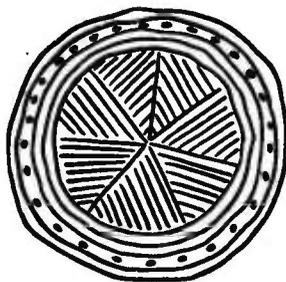
Dansam no teu sol as cupolas macias

e as folhas dansam nos teus ventos iro-  
nicos,  
nos teus ventos que levantam as saias das  
tapatias,  
e misturam os p e r f u m e s numa dansa  
aerea.

Tu és toda uma dansa, Guadalajara!

Meus pensamentos dansam em ti.

Julho. 1923.



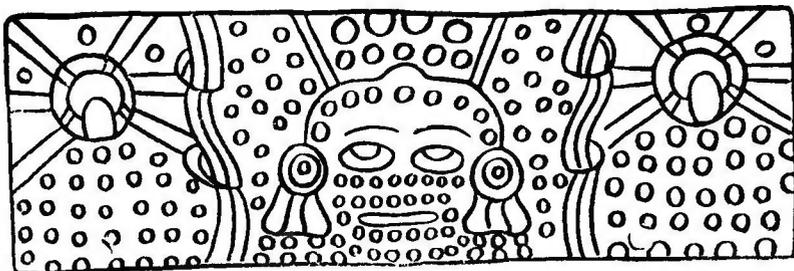
# TODA A AMERICA

a Renato Almeida



1





O alto dos Andes, America,  
do alto das sierras me-  
xicanas,  
de Laguna del Inca, de

Punta de las Vacas, de Orizaba e  
Xochimilco,

eu te vejo deitada e intacta no claro  
musculo dos teus cristaes, no impeto

das tuas águas, no fremito fresco das  
tuas folhagens luminosas.

Em ti está a multiplicidade creadora do  
milagre,

a energia de todas as gravitações,

a massa viva de todos os volumes,

a promessa de todas as fórmulas,

America livre do terror!

America voltada para o futuro como um

botão que espera a flor e o fruto,

America assentada nas praias atlânticas e

pacíficas, jogando com as ondas, as

espumas e as areias,

'America dos cafezaes, dos seriñgaes e dos  
cannaviaes,

America das locomotivas e das carretas de  
bois, dos elevadores e dos guindastes,  
das porteiras de peroba e das comportas  
de aço chromado de Pittsburgh,

America das usinas, dos dynamos, das  
valvulas e dos embolos,

America dos opprobrios e das reivindica-  
ções, dos trusts e dos Estados  
insolvaveis,

America dos senhores de engenho liricos  
e tragicos, do pulque e da aguardente,  
do tequila e da coca,

America lasciva que dança o jarabe, o  
maxixe, o tango, o fox, a cueca e a  
marinera,

America violenta do cavallo selvagem do  
caudilho, do punhal dos generaes, da  
fogueira dos lynchamentos, dos impe-  
radores banidos, dos Presidentes de-  
golados,

America sophista e causidica dos Parla-  
mentos e dos Tribunaes,

America de todas as imaginações, do azteca  
e do germano, do guarani e do latino, do  
hispano e do inca, do aimoré e do saxão,  
do slavo e do africano,

America dos barões e dos escravos, do

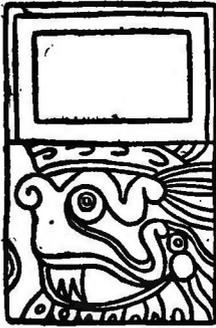
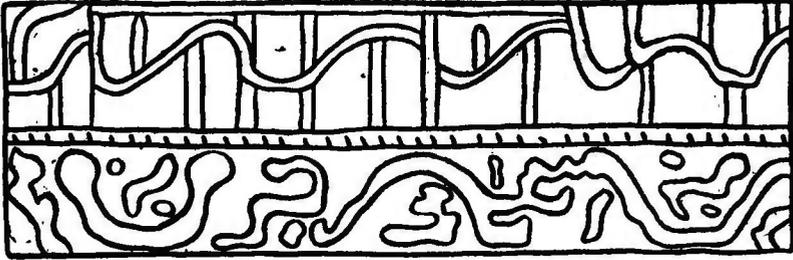
ladrão e do capitão mór, do santo e do  
heróe,  
Eu vivo todas as tuas indisciplinas, a tua  
cultura e a tua barbaria, as tuas  
pyramides e os teus arranhaceus, as  
tuas pedras de sacrificio e os teus  
calendarios, os teus pronunciamentos e  
a tua boa fé puritana,  
America livre do terror,  
America dos meus avós guerreiros e  
constructores,  
America do meu Pai que morreu pelo Rei!





2





H! turbilhão de energias e

grandezas latentes,

choques,

saltos,

clamores,

vibrações,

claridades,

tumultos do teu despertar!

O mundo nasce outra vez em ti, e o homem  
deante de ti sorri ingenuamente como  
um deus.

A tua manhã é um canto, é uma palpação,  
um estrondo, um rumor, um grito  
alegre de posse.

Correm os trenós nos gelos unidos do  
Alaska,  
pulam as baleeiras nas correntes do  
Hudson,

sobre os trilhos da Pennsylvania, entre  
bungalows cobertos de hera e campos  
que fumam nos vapores da aurora,  
rolam as rodas massiças dos comboios,

Morro Velho, La Pampa, Tampico, Potosí  
abrem as entranhas, e do sexo immenso  
da terra jorram metaes, oleos, pedrarias,  
giram os tornos de Puebla, crepitam os  
fornos de Tonalá,  
e os teares de Jersey, Oaxaca, São Paulo,  
Sucre e Punta Arenas trançam e  
retrançam o fio de seda e o fio de lã,  
cantam os oleiros acurvados sobre o barro,  
ululam as sereias de todas as machinas,  
e ha uma selvagem innocencia nas boças  
que se saúdam, nos olhos que se  
procuram, nas mãos que se afagam.

Os homens verticaes sobem nos horizontes,  
em todos os horizontes varados pelo sol!

Oh! a emoção da força em face dos  
elementos que vão ser dominados!

O espirito que se faz força,

o amor que se faz força,

o direito que se faz força,

a força que se faz aspiração e fecunda todos  
os desejos e cria todos os movimentos:

o movimento que gera e aniquila,

o movimento do sementeiro que enche o teu  
corpo de germens, America!

o movimento do mecanico, que lavra o teu  
corpo com o ferro e o aço, e o

t r a n s f o r m a   n u m   v a l l e   i n f l e x i v e l ,  
America!

o movimento do cavalleiro, do cowboy, do  
gaúcho e do pastor, que fazem o teu  
corpo estremecer num tropel de patas,  
America!

o movimento da intelligencia e da vontade,  
que põe no chão das tuas florestas o  
asfalto de Broadway, de Copacabana  
e de Palermo!

Os homens verticaes sobem nos horizontes,  
em todos os teus horizontes varados  
pelo sol!

Montanhas, chãs, planaltos, mangues,  
varzeas, angras, tudo se enche da  
commoção de tuas raças,  
e a tua terra, que viu Anáhuac e Mitla  
immoveis, que viu Pachacamac e a  
pyramide do Sol, os mounds do  
Mississipi e os sambaquís de Marajó,  
a tua terra, que viu os grandes deuses e os  
grandes chefes, vestidos de ouro e  
plumas, C u a u h t é m o c e Atualpa,  
Ahsonnutli e Awonawilona, Tupan e  
Huitzilopochtli,  
a tua terra, que viu o passado e as  
migrações do crepusculo,

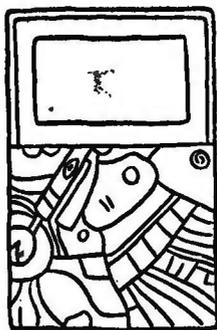
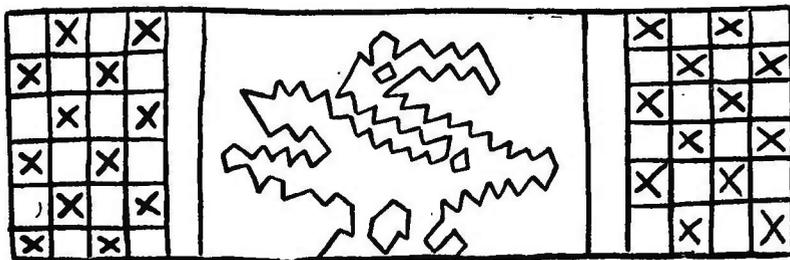
vê agora, oh! America, a maravilhosa  
confusão do Oriente,  
o raio directo da Aurora,  
o filho de Isis, de Minos e Eleusis,  
o filho da Biblia e do Alcorão,  
o filho dos dolmens e das cavernas  
magdalenicas,  
o filho das Sagas,  
os estupradores do Atlantico!  
São elles os ventos da tua manhã, o sal dos  
teus ares,  
a poesia livre que se elevará da tua voz,  
da tua voz que ainda os nossos ouvidos não  
podem escutar...

Os homens verticaes, America, sobem nos  
horizontes, em todos os teus horizontes  
varados pelo sol!



3





ONDE estão os teus poetas,  
America?

Onde estão elles que não  
comprehendem os teus

meio-dias voluptuosos,

as tuas rêdes pesadas de corpos eurythmi-  
cos, que se balançam nas sombras  
humidas,

as tuas casas de adobe que dormem  
debaixo dos cardos,  
os teus cannaviaes que estalam e se  
derretem em pingos de mel,  
as tuas solidões, por onde o indio passa,  
coberto de couro, entre rebanhos de  
cabras,  
as tuas matas que chlam, que trilam, que  
assobiam e fervem,  
os teus fios telegraphicos que ennervam a  
atmosfera de humores humanos,  
os martelos dos teus estaleiros,  
os silvos das tuas turbinas,  
as torres dos teus altos fornos,

o fumo de todas as tuas chaminés,  
e os teus silencias silvestres que absorvem  
o espaço e o tempo?

Onde estão os teus poetas, America?

Onde estão elles que se não debruçam  
sobre os tragicos suores das tuas séstas  
barbaras?

No teu sangue mestiço crepitam fogos de  
queimadas,

juizes, tribunaes, leis, bolsãs, congressos,  
escolas, bibliothecas, tudo se estilhaça  
em clarões, de repente, nos teus  
pesadelos irremediaveis.

Ah! como sabes queimar todos esses  
troncos da floresta humana,  
e refazer, como a Natureza, a tua ordem  
pela destruição!

Onde estão os teus poetas, America?

Onde estão elles que não veem o alarido  
constructor dos teus portos,  
onde estão elles que não veem essas bocas  
maritimas que te alimentam de  
homens,  
que atulham de combustivel as fornalhas

dos teus caldeamentos,

onde estão elles que não veem todas essas  
prôas eñthusiasmadas,  
e esses guindastes e essas gruas que se  
cruzam,  
e essas bandeiras que trazem a maresia  
dos fiords e dos golfos,  
e essas quilhas e esses cascos veteranos  
que romperam cyclones e pampeiros,  
e esses mastros que se desarticulam,  
e essas cabeças nordicas e mediterranicas,  
que os teus mormaços vão fundir em  
bronze,  
e esses olhos boreaes encharcados de luz  
e de verdura,

e esses cabelos muito finos que procrearão  
cabellos muito crespos,  
e todos esses pés que fecundarão os teus  
desertos!

Teus poetas não são dessa raça de servos  
que dansam no compasso de gregos e  
latinos,  
teus poetas devem ter as mãos sujas de  
terra, de seiva e limo,  
as mãos da criação!

É innocencia para adivinhar os teus  
prodigios,  
e agilidade para correr por todo o teu

corpo de ferro, de carvão, de cobre, de  
ouro, de trigo, de milho e de café!

**Teu poeta será ágil e inocente, America!**

a alegria será a sua sabedoria,

a liberdade será a sua sabedoria,

e sua poesia será o grito da tua própria

substância, America, da tua própria

substância lírica e numerosa.

Do teu tumulto ele arrancará uma energia

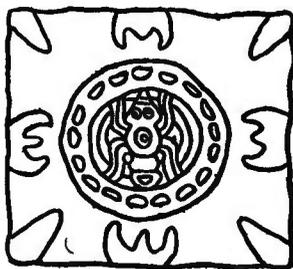
submissa,

e no seu molde múltiplo todas as formas

cabem,

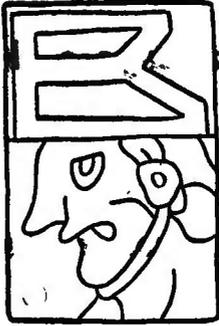
e tudo será poesia na força da sua  
innocencia.

America, teus poetas não são dessa raça  
de servos que dansam no compasso de  
gregos e latinos!



4





ANJO, guitarra, maracá,  
violão, torocaná, quena,  
marimba soam debaixo  
das tuas cajaseiras, dos  
teus coqueirões, dos teus palteros, dos  
teus laranjeiras, dos teus vinhedos, das  
tuas cerejeiras, dos teus magueyes,  
**America!**

Quem exprimiu jámais a tua grande  
noite, grávida de vicio, colera e prazer?  
a tua noite que funde todas as cosmologias,  
a tua noite por onde corre o Amazonas,  
a tua noite cheia das vozes do Mississipi,  
do São Francisco, do Araguaya e do  
Prata,  
a tua noite das cachoeiras e dos saltos, do  
Niagara, de Paulo Affonso e Iguassú,  
a noite dos teus macios ventos, que voam  
como passaros pelas folhas das tuas  
arvores,  
a noite das tuas ilhas tropicaes, que o

longo leque das bananeiras embala e  
acalanta,  
a noite das tuas praias que viram as  
caravelas!

Sobre a fogueira dos payadores e dos  
troveiros, embuçados em ponchos e  
sarapes, em pelles de vicuña, de alpaca  
e guanaco, espiam os deuses primitivos,  
Manitús, totens, feitiços, tabús, encantos,  
talismans, tudo se mexe, fascina, ameaça  
e alucina dentro do ventre misterioso  
da tua noite.

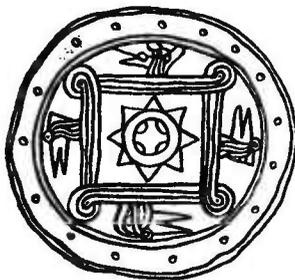
Africa, Europa e Asia vieram dansar na tua  
noite.

Batuques, jongos, tangos, maxixes, jarabes,  
cuecas, c a t e r e t ê s, um vertiginoso  
rythmo se agita em ti,  
e a quena de Oroya, a marimba de  
Tenochtitlan, a guitarra de Bogotá, a  
viola de Joazeiro misturam na tua noite  
a lascivia das raças.

**Quem exprimiu os silencias da tua noite,**  
**o kirirí das ocas,**  
**o kirirí dos sertões brutos, dos sertões do**  
**corrupira e do caipora,**  
**o kirirí dos igapós,**  
**o kirirí dos charcos onde o ceu pinga**  
**estrellas?**

Guerras, catecheses, rosarios e plumas,  
flechas e colubrinas, mosquetões e  
tacapes, autos, orações, vozes de  
commando, vozes de horror, vozes de  
susto, celeuma de naus, monções, tudo  
se levanta e caminha na tua noite,  
na tua noite de litoraes illuminados e de  
serras e planaltos esquecidos.

Quem jámais exprimiu o que rola dos  
silencios da tua noite!





5





H! America, o teu poeta será  
um constructor,  
e qual o que lança n'agua o  
barco migrador,

e qual o que projecta o dynamismo da  
machina,

e qual o que calcula os alicerces e as  
paredes,

e qual o que domina a massa pelo numero,  
elle terá a rude imaginação do inventor.

E deante da sua obra de granito e de ferro,  
de madeira e de argila,

deante da sua obra aspera e nova, cheia de  
homens e animaes, de aguas, plantas e  
pedras,

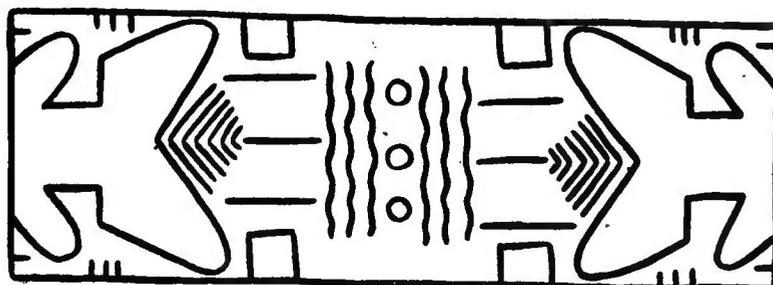
America,

o teu poeta caminhará no milagre da  
creação.



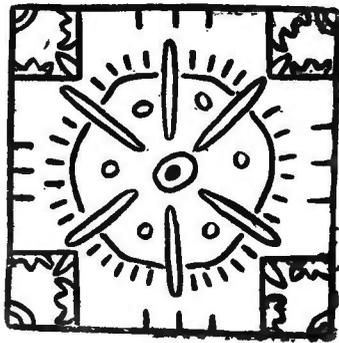
TABOA





<b>ADVERTENCIA</b> .....	11
<b>BRASIL</b> .....	19
<b>CARTAS</b> .....	27
<b>MERCADO DE TRINIDAD</b> ..	31
<b>NOCTURNO DAS ANTILHAS</b> .....	37
<b>BARBADOS</b> .....	37
<b>BROADWAY</b> .....	43
<b>TONALA</b> .. ..	55
<b>PUENTE DEL INCA</b> .....	61
<b>UMA NOITE EM LOS ANDES</b> .....	69
<b>CRISTAL MARINHO</b> .....	73
<b>ENTRE BUENOS AIRES E MENDOZA</b> ...	81
<b>JORNAL DOS PLANALTOS</b> .....	85
<b>FRONTEIRA DO RIO GRANDE</b> .....	87
<b>XOCHIMILCO</b> .. ..	89
<b>SAN AGUSTIN ACÓLMAN</b> .....	91
<b>CHOLULA</b> ... ..	93
<b>PUEBLA DE LOS ANGELES</b> .....	95

PUEBLA	97
QUERÉTARO	99
MEXICO	101
GUADALAJARA	103
<b>TODA A AMERICA</b>	105
1	109
2	117
3	127
4	137
5	145



Terminou a composição deste livro, que De  
Garo illustrou, e imprimiu o editor Pimenta  
de Mello & C., em 15 de Dezembro de 1925  
Foram tirados tres exemplares em papel  
Whatman (1923) e doze exemplares em  
papel de Hollanda, numerados e rubricados  
pelo autor.

*Exemplar numero oito  
Ronald de Carvalho.*



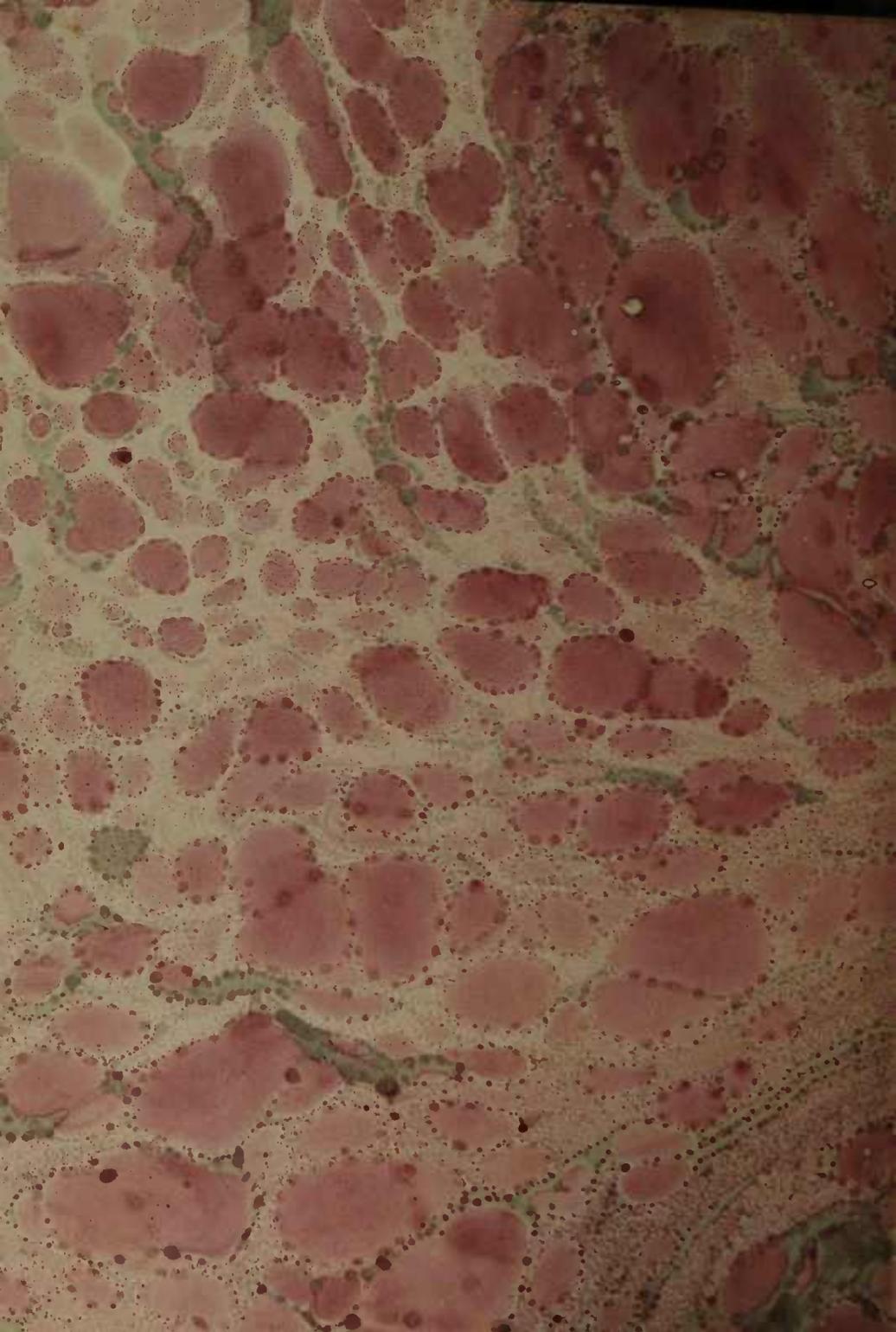


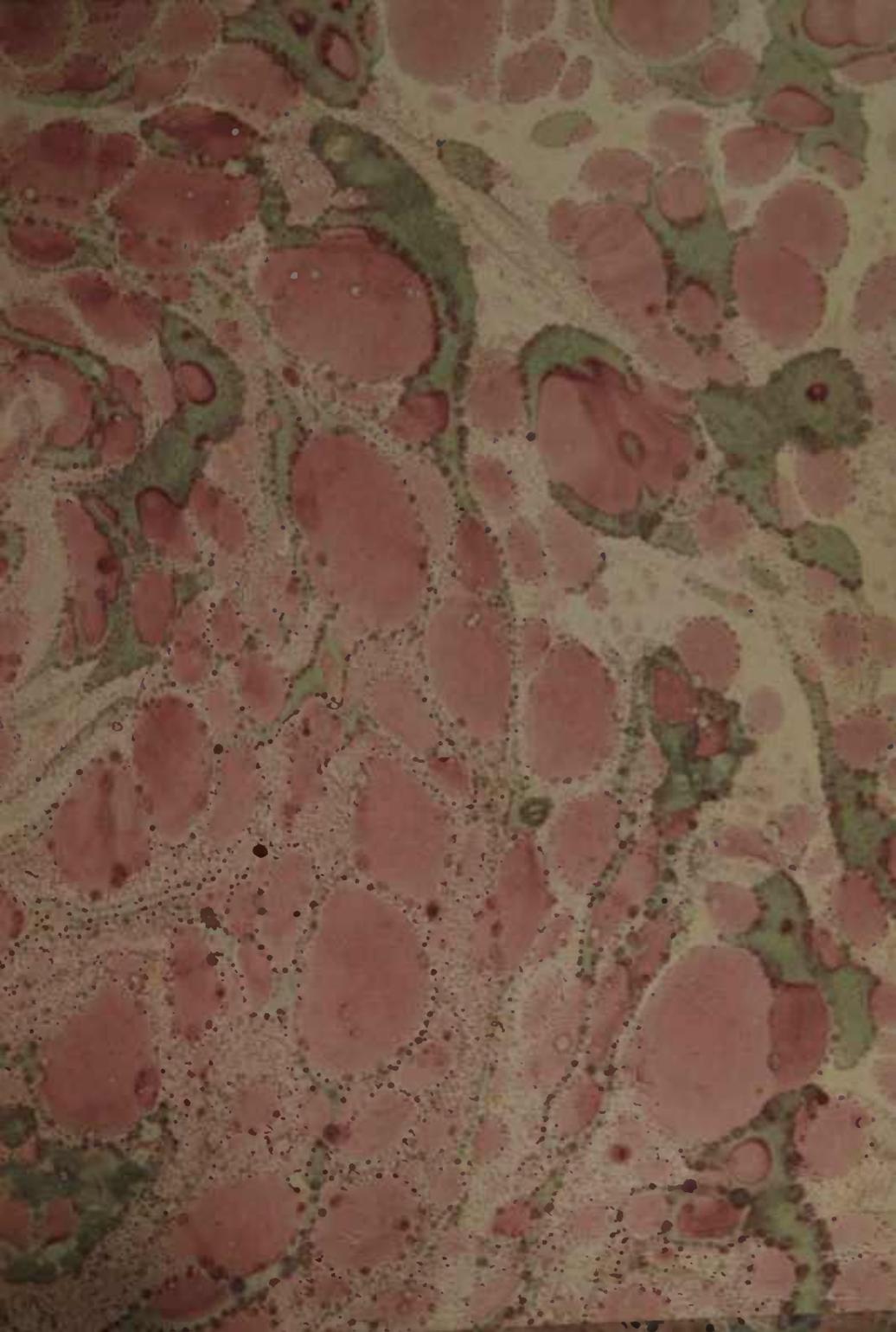














## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).